

### DA TELA PARA A VIDA REAL: COMO AS SÉRIES MÉDICAS PODEM IMPACTAR NA FORMAÇÃO DOS MÉDICOS?

**Evandro da Fonseca Almeida<sup>1</sup>;**

Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões (URI), Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/1046026386547099>

**Mônica Strege Médici<sup>2</sup>;**

Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões (URI), Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/9223420360715550>

**Eliane Azevedo de Mello<sup>3</sup>;**

Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões (URI), Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/3238124747769173>

**Eliane Cadoná<sup>4</sup>.**

Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões (URI), Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/1215054594728205>

**RESUMO:** O consumo de séries televisivas médicas, originário dos EUA e abrangendo mais de uma centena de títulos desde os anos 1950, continua a crescer, com sucessos como “The Good Doctor” e “Grey’s Anatomy”. Essas produções conquistam o público ao explorar situações extremas, moldando a percepção da realidade e da prática médica. Rachel Clarke, em “A Vida Perto da Morte”, exemplifica como a visão midiática pode influenciar a prática médica real. Segundo Foucault, em “O Nascimento da Clínica”, o olhar clínico molda a autoridade médica, enquanto Walter Benjamin, em “A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica”, demonstra como a cultura de massa transforma o médico em um produto de consumo. As séries exaltam a figura do médico como um “super-herói”, exacerbando expectativas irreais sobre a prática médica. Foucault e a filosofia estoica destacam a importância do “cuidado de si” e da reflexão crítica, contrastando com a idealização midiática. Conclui-se que essas séries influenciam profundamente a percepção pública e a formação acadêmica na área da saúde, ressaltando a necessidade de uma educação médica que promova uma visão mais crítica e realista da profissão, alinhada às

condições práticas e estruturais enfrentadas no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Medicina. Séries televisivas. Filosofia.

## **FROM THE SCREEN TO THE REAL LIFE: HOW CAN MEDICAL SERIES IMPACT THE TRAINING OF DOCTORS?**

**ABSTRACT:** Consumption of medical television series, originating in the U.S. and spanning more than a hundred titles since the 1950s, continues to grow, with hits such as “The Good Doctor” and “Grey’s Anatomy.” These productions conquer the public by exploring extreme situations, shaping the perception of reality and medical practice. Rachel Clarke, in “Life Near Death,” exemplifies how media insight can influence actual medical practice. According to Foucault, in “The Birth of the Clinic”, the clinical gaze shapes medical authority, while Walter Benjamin, in “The Work of Art in the Age of Its Technical Reproducibility”, demonstrates how mass culture transforms the doctor into a consumer product. The series exalt the figure of the doctor as a “superhero”, exacerbating unrealistic expectations about medical practice. Foucault and Stoic philosophy highlight the importance of “self-care” and critical reflection, contrasting with media idealization. It is concluded that these series profoundly influence the public perception and academic training in the area of health, emphasizing the need for medical education that promotes a more critical and realistic view of the profession, aligned with the practical and structural conditions faced in Brazil.

**KEY-WORDS:** Medicine. TV series. Philosophy.

### **INTRODUÇÃO**

O consumo de séries televisivas centradas na atividade médica representa uma realidade importada dos Estados Unidos, originando-se de mais de uma centena de títulos desde os anos 1950 (Albuquerque; Meimaridis, 2016). Essa tendência de mercado continua a se expandir, conforme reportado pelo jornal GZH em meados de 2020, mencionando obras como The Good Doctor, Grey’s Anatomy, New Amsterdam, The Resident, Remedy, House M.D. e Night Shift. Ainda de acordo com Albuquerque & Meimaridis (2016), tais produções conquistam um notável sucesso entre o público, explorando situações inusitadas, tragédias ou eventos catastróficos em suas tramas, porém acabam por influenciar a cultura e a percepção da realidade dos espectadores. A médica paliativista estadunidense Rachel Clarke no livro “A Vida Perto da Morte” (2021) menciona que:

Como qualquer pessoa razoavelmente familiarizada com o horário nobre da televisão, as minhas primeiras impressões sobre a ressuscitação cardiopulmonar foram adquiridas não nos livros de medicina ou nas enfermarias hospitalares, mas nos excessivos seriados médicos. (Clarke, 2021, p.92)

Ela relata que em uma situação de emergência dentro de um hospital foi levada a acreditar que o fato de ser uma consumidora ávida dessas séries médicas bastava para salvar seu paciente. Assim, podemos observar que “o sucesso de uma série se deve menos aos procedimentos que ela utiliza (visuais, retóricos, narrativos etc.) do que ao ganho simbólico que ela possibilita ao espectador” (Jost, 2012, p. 25). Jost (2012) aponta que as séries estabelecem com os espectadores uma relação que advém a compreensão da importância delas nas práticas culturais contemporâneas, a ideia de que a reanimação, sempre protagonizada por robustos homens de meia-idade ou jovens mulheres esbeltas (cujos pijamas médicos que lhes destacam a silhueta), propõem a ideia de que os médicos/as exibem superpoderes ao salvarem heroicamente a vida dos pacientes.

Essas séries freqüentemente ressaltam a resolução de dilemas por meio da expertise médica, suscitando aprofundamentos teóricos sobre a vida e explorando emoções humanas. Destaca-se ainda que muitas dessas produções exaltam a ideia da autoridade médica, construindo um discurso de onipotência diante da doença e da morte - criando o paradigma do médico “super-herói” que, diante de uma situação trágica, assume o comando, lança mão de habilidades espetaculares e sempre salva a vida que estava em risco. Com um estetoscópio no lugar da capa, esses seres considerados heróis, são capazes de prolongar a vida e evitar a morte, ocupando o lugar de deuses. Para Neves (2019) no ideário social, “médicos, enfermeiros, anestesistas e residentes só rivalizam em assiduidade na TV com policiais e advogados - outros arquétipos-fetichismo das plateias e da psique ianques.” (Neves, 2019).

Neste contexto, é relevante resgatar conceitos do discurso foucaultiano e da influência de críticos para problematizar a construção social do profissional médico contemporâneo. Essa abordagem permitirá reflexões sobre como a mídia molda a percepção pública sobre a medicina, influenciando a compreensão social da prática médica e suas dinâmicas de poder. Este trabalho buscará, inicialmente, investigar o processo de construção do conhecimento médico na era moderna, seguindo para uma análise mais profunda sobre a influência televisiva, utilizando as ideias de Walter Benjamin para compreender como a construção de modelos médicos idealizados foi inserida na realidade brasileira. Posteriormente, será feita uma exploração detalhada do conceito de cuidado de si nesse contexto. Pretende-se elucidar como o sujeito pode adotar os ideais presentes nas obras televisivas, buscando a formação de um novo ethos profissional.

## OBJETIVO

O objetivo deste artigo é compreender a construção idealizada do médico na sociedade contemporânea, confrontando diferentes ideias para aprimorar a formação acadêmica na área da saúde. Explorar como essa construção é perpetuada pela representação midiática e cultural torna-se essencial para compreender a visão da sociedade sobre o papel do médico, incluindo aspectos de poder, autoridade e responsabilidade.

## METODOLOGIA

O presente estudo, de abordagem qualitativa, busca compreender a construção idealizada do médico na sociedade contemporânea e como essa imagem é perpetuada pela mídia, focando-se na análise de discursos, percepções culturais e representações midiáticas. De natureza básica e com objetivos exploratórios, o estudo visa explorar as representações midiáticas e culturais dos profissionais médicos e a influência dessas representações na percepção pública e na formação acadêmica. Para isso, utiliza-se de procedimentos de pesquisa bibliográfica, revisando livros e outras fontes teóricas. A análise teórica é fundamentada em conceitos de filósofos como Walter Benjamin, Foucault e os estoicos, para contextualizar e aprofundar a análise crítica. O estudo não se limita a um local específico, abrangendo a análise de séries médicas desde os anos 1950 até as produções mais recentes, com o levantamento de dados realizado entre 2023 e 2024. Como não há coleta de dados diretamente de participantes, não se aplicam normas éticas relacionadas a seres humanos ou experimentação animal.

### Foucault e o nascimento da clínica

A obra de Michel Foucault, “O Nascimento da Clínica”, conduz uma investigação arqueológica sobre a construção da ideia contemporânea do médico. Foucault, ao abordar a consolidação do discurso clínico após a Revolução Francesa, destaca a importância do olhar como ferramenta primordial na compreensão da doença.

Ele ressalta o papel do olhar na estética das coisas, especialmente no contexto da doença na era clássica, submetendo o indivíduo-paciente ao discurso patológico que delineava o conceito de saúde e doença. No início do livro o autor alerta para o devir da obra ao avisar que “este livro trata do espaço, da linguagem e da morte; trata do olhar” (Foucault, 2008). Para o autor, a visão médica resumiria a forma objetiva que o saber médico assumiria na modernidade e dessa maneira, a formação médica seria pautada mediante a lógica de uma linguagem descritiva que enunciaria verdades científicas, a partir de espaços que o olhar médico conseguisse explorar. Isso se dava a partir dos pressupostos da anatomia patológica na dissecação dos cadáveres através de uma linguagem técnica baseada em um discurso altamente descritivo da anatomia humana e de elementos que possíveis alterações anatômicas trouxessem. Dessa maneira, o método clínico parte de

uma lógica ingênua de que ver e conhecer podem ser a mesma coisa.

Assim, de certo modo, o método clínico tem sua constituição amparada na morte, principalmente através dos estudos em anatomia patológica de Javier Bichat, na qual a dissecação dos cadáveres se tornará a base para o conhecimento da anatomia das doenças e das funções do corpo vivo. Foucault evidencia um dos grandes paradoxos da medicina: o reconhecimento da vida a partir da morte.

Para ele, o discurso clínico normatiza a vida e as relações, o que por vezes resultava em equívocos na prática de cura. A citação “O tempo do corpo não modifica e muito menos determina o tempo da doença” (p. 12) ilustra a metodologia para seleção dos critérios de doença e como o discurso médico, baseado no olhar e nas métricas da época, estabelecia o que era considerado doença ou não. O filósofo demonstra a evolução desse discurso ao evidenciar como o hospital, inicialmente concebido como um “templo da morte” foi objeto de debates no final do século XVIII, com intensas discussões sobre uma medicina menos autoritária, mais respeitosa à autonomia do paciente e enfatizando a importância da família no processo de adoecimento e morte, rompendo com o isolamento presente nessas instituições naquela época.

Com esse exemplo e outros, ainda revela que a construção da clínica moderna ocorreu fora da medicina, nos debates legislativos durante e após a Revolução, buscando afastar-se do Antigo Regime, mas aproximando daquilo que era ansiado através do Estado - uma nação mais forte através de uma população mais fecunda, com sua mão-de-obra mais sadia e seus exércitos mais potentes. Nesse ambiente de discussões, temas como a saúde pública ganharam destaque inclusive para evitar a formação de uma casta médica como detentora exclusiva do conhecimento e, conseqüentemente, de um poder.

No entanto, pode-se evidenciar que essa autoridade foi se desenvolvendo, apesar dos congressistas revolucionários, pois Clarke (2021) destaca que a década de 1920 foi uma época de extraordinária inovação histórica no campo do saber médico. Dentre os avanços destaca-se a descoberta da penicilina e da insulina, as primeiras vacinas contra sarampo e tuberculose, o uso de pulmões de aço para evitar que os pacientes afetados pela poliomielite sufocassem.

Porém, apesar de toda a evolução tecnológica, o cuidado por um médico não era parte essencial, mas um luxo disponível para quem podia pagar. Desse modo, grande parte das famílias pobres que, por falta de meios pecuniários, nunca conheceriam os cuidados de um médico evidenciando assim, a formação de uma casta profissional distante dos discursos regulamentares iniciais da medicina moderna.

Outro exemplo de como esse campo do conhecimento evoluiu foi através da contribuição de diversos pensadores políticos ao reformular a educação médica daquela época, com intenções republicanas. A introdução, dentro do saber médico, da área cirúrgica, antes um ramo sem destaque acadêmico, ocorreu por intermédio de várias regulações estatais na prática médica, que determinava arbitrariamente de que maneira formar-se-

iam os novos profissionais, onde trabalhariam e quais requisitos eram necessários para executar esse labor.

No entanto, o desenrolar dos fatos após a Revolução Francesa constituiu outras realidades diferentes das desejadas durante os debates legislativos, como a incorporação de ideais liberalistas na relação médico-paciente, incluindo a definição de honorários médicos sem a interferência do Estado e a noção de “profissional liberal” por intermédio das ideias do médico, filósofo e líder político Cabanis. Nessa linha também houve a incorporação de outros papéis, como o do político, a do defensor do ideal do homem saudável, o do vigilante da moral e da saúde em prol do bem público, assumindo um papel diferenciado, até então.

Nesse sentido, vale também resgatar outra obra de Michel Foucault de 1969: “A Arqueologia do Saber”, em que o autor estuda as regras das formações discursivas, partindo do exemplo do desenvolvimento do discurso da psicopatologia e argumentando que nessa estrutura podia-se reconhecer diversas categorias, dentre elas as da doença. Tal estudo não foi amparado apenas na questão do corpo, mas também colaborou para rearranjar de maneira inovadora os estudos epistemológicos da filosofia francesa sobre diferentes temáticas, dentre elas a medicina moderna. Nessa obra em questão, há o destaque da importância do discurso e das práticas médicas na configuração da medicina e na construção do conhecimento ao longo da história - incluindo o da autoridade médica no mundo moderno. Logo, é relevante salientar que essa autoridade costuma ser muito representada nas obras televisivas atuais, sem abordar detalhadamente como essa construção histórica foi estabelecida.

### **Walter Benjamin e a cultura de massa: o ideal como mercadoria**

O crítico alemão e filósofo, em seu texto intitulado “A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica”, explora conceitos marxistas voltados à ascensão da massificação da cultura. Sua obra aborda a reprodutibilidade técnica das obras de arte ao longo da história e através de diferentes contextos sociais, com foco no viés lucrativo. Em sua obra, o autor dedicou atenção especial ao fato de que tanto a arte como a cultura teriam perdido suas posições autônomas, sendo capturadas pelo regime capitalista. Ele elaborou uma teoria estético-política, na qual evidenciou a relação dos conteúdos dos bens culturais contemporâneos (“industrializados” ou não) e a suposta potencialidade destes para contribuir com a politização das classes trabalhadoras.

Em sua obra *Passagens* (1982) ele usa o termo “fantasmagoria” que, de acordo com o autor, configura-se como uma realidade sempre presente. Ela representa a construção humana da sua própria imagem, ganha uma autonomia em relação ao sujeito, passando ele a viver imerso no seio de sua própria criação que é tida como real e ao mesmo tempo estranha ao seu criador (o homem). Benjamin associa a noção de imagem com a de fantasmagoria, da seguinte forma:

A qualidade pertencente à mercadoria como seu caráter de fetiche precede igualmente à sociedade produtora de mercadorias - não como é nela mesma, sem dúvida, mas como quando se representa a si mesma e julga entender a si mesma sempre que se abstrai do fato de que produz, precisamente, mercadorias. A imagem que ela produz de si mesma dessa maneira, e que ela habitualmente rótula de sua cultura, corresponde ao conceito de fantasmagoria. (Benjamin, 2009, p. 669).

De acordo com o olhar de Benjamin a fantasmagoria está presente na modernidade, a partir dessa percepção de imagem criada. Dos elementos subjetivos que constituem a realidade, expressos nas várias formas de representação do contexto social da cidade, envolvendo o homem moderno.

Ao retomar “A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica”, percebe-se que o pensador também revela, por exemplo, como as xilogravuras, anteriores à invenção da prensa de Gutenberg, eram recriadas manualmente durante a Idade Média. Progressivamente, novas formas de ilustração foram se agregando, desde a fotografia até os filmes. No entanto, destaca que técnicas rudimentares não conseguem capturar a essência exclusiva da obra, o “aqui e agora” ou “aura”.

Outro ponto abordado por Benjamin é a observação de que a fotografia revela detalhes e ângulos até então invisíveis ao olho humano, desvalorizando a autenticidade no momento exato da captura da imagem. Ele destaca o cinema do século XX como um agente transformador das tradições culturais, crucial na alteração das percepções humanas ao longo das revoluções históricas.

Além disso, ele trabalha, com dados históricos, a mudança na percepção das pessoas durante eventos marcantes, como a diferença entre a cosmovisão dos povos germânicos durante a invasão romana e a percepção da arte por estudiosos do Sacro Império Romano-Germânico, culminando no conceito de que há uma construção da Arte, com os registros históricos de como se deu a reprodução de objetos semelhantes aos originais para manter a proximidade com eles, durante o passar do tempo, refletindo atualmente na qualidade dos produtos que se deteriora progressivamente para atingir as massas, destruindo a unicidade da obra, ou seja, sua aura.

Benjamin também aborda que um dos elementos da originalidade de uma obra de arte era exercida por meio de rituais elaborados, como os antigos rituais religiosos gregos, e como se deu transformação desse conceito através do socialismo - já que este, na busca de uma função política e social na reprodução da arte, almejava atingir as massas e, assim, conseguia alcançar a sua “aura”. Por outro lado, no capitalismo, ele evidencia que a massificação do cinema decorreu por conta dos altos custos de produção dos filmes, demandando um número significativo de espectadores para garantir o retorno financeiro, sem viés social.

A compreensão da visão de Benjamin é essencial para entender como as referidas obras televisivas atuais promovem um ideal de profissional médico, atraindo espectadores meramente pelo retorno do investimento financeiro. Entretanto, essas representações, majoritariamente provenientes dos EUA, retratam uma idealização da autoridade médica distante da realidade brasileira, que tem as suas particularidades próprias.

### “Cuidado de si” e ensinamentos estoicos

Foucault, em suas aulas do curso “O Governo de Si e dos Outros” ministrado em 1983, lança luz sobre a antiga filosofia ocidental entre os séculos V a.C. e V d.C., explorando diversos autores da época e analisando o discurso filosófico daquele período. O conceito de cuidado de si, investigado pelo autor, tem um interesse atual ao refletir e problematizar situações vivenciadas como resultado do discurso midiático sobre a autoridade médica nas séries televisivas.

Ele também aborda o “cuidado de si” como uma maneira de o indivíduo se aproximar de um conhecimento filosófico, buscando colocar em prática o que foi aprendido ao vivenciar o dia a dia e suas adversidades. Para os antigos filósofos, principalmente os estoicos, uma prática filosófica de qualidade não se restringe ao diálogo ou à argumentação, mas exige experiência prática. Nessas aulas, Foucault utiliza - para exemplificar o “cuidado de si” - o termo “Parresia”, que na tradução moderna significa “falar francamente”, e demonstra diversas situações presentes em escritos antigos sobre o uso desse termo, como o caso de Platão em sua viagem a Siracusa, quando disse ao tirano Dionísio que aqueles que vivem a justiça encontram a felicidade. Por sua franqueza, o filósofo grego foi expulso da cidade e decidiram vendê-lo como escravo aos inimigos de Atenas (Foucault, 2010, p. 41-58).

Essa ilustração coloca como os antigos praticavam o cuidado de si ao aplicarem no cotidiano os conceitos que consideravam verdades a serem vividas, mesmo que enfrentassem situações de risco. Essa prática foi influenciando pensadores ao longo do tempo, especialmente os estoicos, como Epicuro e Marco Aurélio, que em suas obras também destaca outras formas de viver a filosofia e buscar a verdade por meio da prática.

Atualmente, essa abordagem contrasta com a realidade vivida por alguns profissionais médicos, acadêmicos e pacientes que, ao adotarem as ideias das obras televisivas como verdades absolutas, deparam-se com inconsistências prejudiciais (um dos autores deste artigo já vivenciou essa situação, assim como observou colegas médicos e alunos agindo da mesma forma). As situações retratadas como realistas nas séries não refletem a prática diária do médico brasileiro, que enfrenta problemas estruturais na área da saúde, escassez de recursos humanos, ensino freqüentemente inadequado, entre inúmeros outros fatores que interferem na sua profissão.

Igualmente, aqueles que baseiam suas ações nas tramas apresentadas pelas séries televisivas podem estar utilizando o “cuidado de si” para resistir às práticas e normas governamentais aplicadas em nome da vida, como demonstrado por Foucault em suas análises arqueológicas sobre o tema. Assim, ao invés de refletir constantemente sobre si mesmo, conforme proposto pela filosofia, alguns indivíduos reagem ao que está posto na realidade por meio do entretenimento, submetendo-se a um discurso estrangeiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o impacto das séries médicas americanas vai além do simples entretenimento, exercendo uma poderosa influência na construção da percepção social sobre a profissão médica e na formação de futuros profissionais da saúde. Utilizando a investigação arqueológica de Michel Foucault em “O Nascimento da Clínica”, observamos como a autoridade médica é moldada e perpetuada pelo olhar clínico, consolidando um discurso normatizador que muitas vezes romantiza e idealiza a prática médica. Walter Benjamin, em sua análise da reprodutibilidade técnica, nos ajuda a entender como a cultura de massa contribui para a difusão de ideais, transformando a figura do médico em um produto de consumo midiático, distante da realidade prática enfrentada por profissionais da saúde no Brasil. Adicionalmente, a filosofia estoica e o conceito de “cuidado de si” discutidos por Foucault enfatizam a importância da prática filosófica na vida cotidiana, contrapondo-se às representações idealizadas da mídia e destacando a necessidade de uma reflexão crítica contínua entre os profissionais médicos.

As séries americanas, através do jogo entre o visível e o invisível, se destacam ao consolidar estratégias de identificação com o público, tornando-se recursos narrativos poderosos que influenciam comportamentos sociais e profissionais. Elas marcam gerações e ditam normas comportamentais, impactando inclusive a formação médica, que é nosso foco de estudo. Portanto, é crucial reconhecer a relevância de investigações contínuas sobre a influência dessas produções televisivas no cotidiano, para aprofundar a compreensão de seus efeitos e propor estratégias para uma formação médica mais crítica, reflexiva e alinhada com a realidade prática dos profissionais da saúde.

## REFERÊNCIAS

GZH. O boom das séries médicas durante a pandemia e o que explica seu sucesso. Jornal GZH, 27 de julho de 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2020/07/o-boom-das-series-medicas-durante-a-pandemia-e-o-que-explica-seu-sucesso-ckd0piy06004p0147g4g6dq8c.html>. Acesso em: 15 dez. 2023.

ALBUQUERQUE, Afonso; MEIMARIDIS, Melina. Dissecando fórmulas narrativas: drama profissional e melodrama nas séries médicas. **Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 18, 2016. DOI: 10.4013/fem.2016.182.05.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução da 1ª versão de 1935/36. Páginas 165-196. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_babel/textos/benjamin-obra-de-arte-1.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/benjamin-obra-de-arte-1.pdf). Acesso em: 15 dez. 2023.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

CLARKE, Rachel. **A vida perto da morte**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2021.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. 3. reimp. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Campo Teórico). Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Tradução de: L'archéologie du Savoir. ISBN 978-85-218-0344-7.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (1982-1983). Edição estabelecida por Frédéric Gros, sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução de Eduardo Brandão. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Obras de Michel Foucault). Tradução de: Le gouvernement de soi et des autres. ISBN 978-85-7827-321-7.

JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma?** Tradução de Elizabeth B. Duarte e Vanessa Curvello. Porto Alegre: Sulina, 2012.

NEVES, Lucas. In: Jornal Folha De São Paulo. No centro da história não está um macho alfa, afirma ator de The Good Doctor. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/no-centro-da-historia-nao-esta-um-macho-alfa-afirma-ator-de-the-good-doctor.shtml>. Acesso em: 14 dez, 2023.